

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS  
TURMA 2015.2

RAIMUNDA DOS SANTOS PIKANÇO

**ASPECTOS SOCIAIS EM *A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS* DE HANS  
CHRISTIAN ANDERSEN**

OIAPOQUE/AP

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
COLEGIADO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS FRANCÊS  
TURMA 2015.2

RAIMUNDA DOS SANTOS PICANÇO

**ASPECTOS SOCIAIS EM *A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS* DE HANS  
CHRISTIAN ANDERSEN**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Português Francês e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Amapá - Campus Binacional do Oiapoque - como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada Plena em Letras.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Me. Mariana Janaina dos Santos Alves

OIAPOQUE/AP

2019

## FOLHA DE APROVAÇÃO

RAIMUNDA DOS SANTOS PICAÑO

ASPECTOS SOCIAIS EM *A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS* DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Português Francês e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional do Oiapoque, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada Plena em Letras.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Me. Mariana Janaina dos Santos Alves

Aprovado em:

Nota:

### Banca Examinadora

Professor: Dr. José Carlos Cariacás Romão dos Santos

Instituição: Universidade Federal do Amapá

Professora: Dr.<sup>a</sup> Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos

Instituição: Universidade Federal do Amapá

Professora: Me. Mariana Janaina dos Santos Alves

Instituição: Universidade Federal do Amapá

Dedico esta monografia aos meus filhos, Yuri Gustavo Picanço de Sousa, Ingrid Iara Picanço de Sousa, Igor Picanço de Sousa e a Isis Valentina Picanço de Sousa, pessoas primordiais na minha vida. Dedico também à minha irmã Maria de Fatima dos Santos Picanço (*in memoriam*), que me incentivou nessa trajetória e deixou saudades eternas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, a minha orientadora, a professora Mariana Janaina dos Santos Alves, que através de suas aulas despertou em mim o gosto por literatura.

Aos docentes do curso de Letras Português/Francês da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional.

Ao meu esposo, Francinei Fonseca de Sousa, que não mediu esforços para me ajudar, bem como, zelar pelos nossos filhos em minha ausência.

À minha mãe, Raimunda Belém dos Santos Picanço que mesmo distante me apoiou em meus estudos.

Ao meu pai, Benedito Ferreira Picanço, que em meio às dificuldades buscou proporcionar uma boa educação.

Aos meus amigos de graduação Bruno Xavier Alves, Rosane Maria da Costa Santana, e colegas Francisca Marques e a Elissandra Gunot, que fizeram parte dessa trajetória.

Ao meu amigo e professor, Max Silva do Espírito Santo, pessoa extraordinária.

“Sendo a literatura o produto variável e flutuante de cada sociedade, está por isso sujeita às mudanças sociais e às revoluções do espírito humano, cujas evoluções segue, refletindo as ideias e paixões que agitam os homens, e quinhoando das suas preocupações.”

Antonin Artaud

## RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar sob o viés da Teoria literária os aspectos sociais presentes na obra *A pequena vendedora de fósforos*, conto escrito por Hans Christian Andersen e que foi publicado em 1845. Esta obra foi traduzida para o português do Brasil, por Maria Luiza Xavier de Almeida Borges (2010), e é um texto clássico, reconhecido no âmbito da Literatura Infantil. Esta pesquisa é qualitativa, com leitura analítica reflexiva que tem como base materiais bibliográficos. Como pressupostos teóricos, utilizaram-se os estudos do professor e poeta Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em seu livro *Teoria da Literatura* (2011), do filósofo britânico Terry Eagleton em *Teoria da Literatura: uma introdução* (2006), do crítico Afrânio Coutinho em *A literatura no Brasil: Romantismo* (2004) e os postulados da professora Regina Zilbermam em *A Literatura Infantil na Escola* (2003). Além destes autores, utilizaram-se textos sobre a crítica social e artigos que serviram como base para a respectiva análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Literária. Literatura Infantil. Aspectos Sociais. Andersen. A pequena vendedora de fósforos.

## RÉSUMÉ

L'objectif de cette recherche est d'analyser sur le domaine de la Théorie littéraire les aspects sociaux présents dans l'œuvre *La petite marchande d'allumettes* écrit par Hans Christian Andersen, puis publié en 1845. Cette oeuvre a été traduite pour le portugais du Brésil par Maria Luiza Xavier de Almeida Borges (2010), il est un texte classique reconnu dans le domaine Littérature enfantine. Cette recherche est qualitative, avec des lectures analytiques réflexives basées sur des documents bibliographiques. Comme hypothèses théoriques, on a utilisé les études du professeur et poète Vitor Manuel de Aguiar e Silva dans son livre *Théorie de la littérature* (2011), le philosophe britannique Terry Eagleton en *Théorie de la littérature: Une introduction* (2006), le critique Afrânio Coutinho en *La littérature au Brésil: Romantisme* (2004) et la professeur Regina Zilbermam dans *La littérature Enfantine dans l'école* (2003). Ailleurs ses auteurs, on a utilisé textes sur la critique sociale et les articles qu'on a servi de base pour la respective analyse.

**MOTS-CLÉS:** Théorie littéraire. Littérature enfantine. Aspects sociaux. Andersen. La petite marchande d'allumettes.



## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>7</b>
<b>RÉSUMÉ</b> .....	<b>8</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.2 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA .....	11
1.3 OBJETIVOS .....	12
1.4 JUSTIFICATIVA .....	13
1.5 METODOLOGIA .....	14
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>3. UM POUCO DE TEORIA</b> .....	<b>22</b>
<b>4. UM OLHAR SOBRE O CONTO</b> .....	<b>29</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>37</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
<b>7. ANEXOS</b> .....	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Literatura exerce um importante papel na sociedade contemporânea, à medida que, a partir da leitura das narrativas, pode-se desenvolver reflexões relevantes que nos permitem um olhar mais crítico sobre a realidade. Partindo desse princípio, a monografia *Aspectos sociais em A pequena vendedora de fósforos de Hans Christian Andersen* propõe a análise sobre as questões sociais e as perspectivas da obra literária publicada no ano de 1845.

Este conto foi traduzido para o português do Brasil, por Maria Luiza Xavier de Almeida Borges no ano de 2010. Esta obra retrata, por meio da literatura, a sociedade do século XIX, valendo-se de elementos da ficção para representar a realidade da época, causando com efeito verossimilhante.

Assim, o objetivo desta pesquisa será analisar alguns aspectos sociais presentes na obra, tais como: o abandono, a miséria, a pobreza, o trabalho infantil e a exclusão social. A obra faz uma abordagem de várias temáticas envolvendo a criança e o ambiente, no qual, ela está inserida, o que constitui-se como ponto de partida para uma análise mais abrangente da referida obra.

A partir de tais observações, faremos uma análise dos problemas sociais que envolvem a narrativa com a realidade da época. Em uma perspectiva histórica, traçaremos a leitura, para dessa forma, melhor identificar as possíveis causas dos problemas sociais que impactam de forma negativa a vida e a realidade da criança, por meio da interpretação literária. Nesse sentido, conforme Kuhlmann Jr (2007, p.30):

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação feita por adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localiza-las nas relações sociais, entre outros, reconhecê-las como produtoras de histórias.

Autores como Silveira e Quadros (2015), Mata (2015), Khéde (1986), também discorrem das problemáticas sociais e a representação da infância na literatura infantil. Entendemos a partir da leitura desses pressupostos que a interpretação da época do texto, pode estar intrinsecamente ligados, ao contexto no qual os autores o criaram. Por isso:

[...] ao se tratar da representação da infância na literatura, tem-se em mente a tematização da infância a partir de personagens infantis e de suas experiências. Há aqui o entendimento da representação como mera recriação

verossimilhante das crianças, de seus gestos, dos espaços em que circulam e da configuração social na qual estão inseridas (MATA, 2015, p. 14).

A partir do século XIX, o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen que era filho de sapateiro, que traz nos seus contos as marcas de sua própria vivência social, utiliza-se do maravilhoso com maior frequência (KHÉDE, 1986, p.19). Em suas narrativas, o autor trata de questões existenciais do ser humano, conforme podemos ler abaixo:

Os relatos de Andersen pertencem a uma linha temática que trata de **questões existenciais do ser humano**, quando um personagem se vê entre o limite da **vida e da morte**. Muitas vezes são personagens (animais ou humanos) que foram abandonados ou vivem situações solitárias e buscam um sentido para suas existências. A exemplo da vida de Andersen, que teve uma infância pobre, desprovida de conforto, os personagens de suas narrativas ora são órfãos, ora são solitários, ora são discriminados, com uma vivência de confronto entre os limites da existência humana – o desejo e o não desejo, a vida e a morte (PARREIRAS, 2010, p.02, grifos nossos).

Dessa maneira, Hans Christian Andersen ao escrever o conto *A pequena vendedora de fósforos* observa que, a personagem nasce diferente, vive excluída, e é discriminada e enfrenta, sozinha, situações difíceis para garantir a sua sobrevivência. Assim, constatamos que a obra, mesmo com o passar dos anos, trata de conflitos sociais que são vivenciados na contemporaneidade por um número expressivo de crianças.

## 1.2 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

A proposta dessa monografia é fazer uma análise sobre alguns aspectos sociais presentes na obra *A Pequena Vendedora de fósforos* de Hans Christian Andersen (1845). Dessa maneira, acreditamos que as informações analisadas são relevantes, pois, apresentam alguns aspectos sociais considerados verossimilhantes, que envolvem a criança e as diferentes situações, as quais, elas estão expostas na sociedade.

Além disso, este trabalho abre possibilidades para novos estudos no que se refere à temática em questão: à infância. Entendemos que, para melhor compreensão dos problemas sociais contemporâneos, a literatura pode servir de fonte de narrativas que colocam em evidência o comportamento social e humano. Essas questões podem ainda se relacionar ao processo que resulta na marginalização infantil.

No intuito de compreender o sentido da obra do autor Hans Christian Andersen, destacamos da mesma, alguns aspectos sociais como o abandono, a miséria, a pobreza, o

trabalho infantil e a exclusão social, os quais, nos remetem a várias hipóteses que podem justificar tais abordagens.

Estaria o autor retratando apenas fatos frequentes na infância, sem a pretensão de relacioná-los com a realidade da sociedade da época?

Podemos considerar que ele já possuía um olhar crítico diante daquela sociedade e por esse motivo, quis registrar em sua obra temas relevantes ao longo da história?

Diante destas reflexões, pontuamos quais problemas sociais são marcados na obra e como eles são descritos neste texto.

A hipótese na qual nos ancoramos é de que fatores diversos podem contribuir para que tais problemas venham se perpetuando ao longo da história. São eles: a ausência de visão humanista em relação não somente à criança, mas ao ser humano, dentre outras questões econômicas e sociais.

Esses fatores podem justificar a perpetuação dos problemas sociais existentes na atualidade. No entanto, para obtermos essas respostas, faz-se necessário a leitura e análise da obra proposta no início desta pesquisa, como fonte de reflexão, visando contribuir de forma significativa para a compreensão dos assuntos em questão.

### **1.3 OBJETIVOS**

#### **GERAL:**

- Desenvolver reflexões sobre os problemas sociais comuns na sociedade, a partir da análise da obra *A Pequena Vendedora de Fósforos* de Hans Christian Andersen.

#### **ESPECÍFICOS:**

- Identificar problemas sociais que atingem a infância, presentes na Obra *A pequena vendedora de fósforos*.
- Refletir por meio dos conceitos da Teoria literária a importância das obras para compreender as possíveis causas apontadas dos problemas sociais, e como eles são ilustrados no conto de Andersen.

## 1.4 JUSTIFICATIVA

O interesse em escrever essa monografia surgiu a partir do terceiro semestre do Curso de Letras Português/Francês no ano de 2016, na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil. Essa abordagem tinha como objetivo apresentar um panorama histórico dos fundamentos e percursos da literatura infantil, assim como análises dos contos infantis clássicos. Nesse período, a professora da disciplina apresentou vários autores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen e outros, mais recentes.

Assim, ao refletir sobre as respectivas obras e as várias temáticas abordadas no decorrer da disciplina, entendemos que a literatura é um meio de comunicação social artístico que envolve a sociedade, o tempo e a época. Partindo dessa reflexão, esse trabalho será desenvolvido sobre o viés da literatura e terá como ponto de partida a literatura infantil.

A obra *A pequena vendedora de fósforos* de Hans Christian Andersen escrita em 1845 foi traduzida para o português do Brasil, por vários autores, mas para esta monografia escolhemos o trabalho feito por Maria Luiza Xavier de Almeida Borges, no ano de 2010.

Dentre os fatores que influenciaram na escolha da temática são as questões sociais presentes na narrativa, tais como, o abandono, a miséria, a pobreza, o trabalho infantil e a exclusão social que norteiam a análise. O objetivo de fazer o estudo de uma obra escrita no século XIX e que permanece dentre as narrativas mais lidas no século XXI, é verificar que mesmo com o passar de vários anos em que ela foi escrita, a obra continua sendo pertinente e permanece atrelada às questões na atualidade.

Por esse motivo, consideramos que esta monografia é de grande relevância, no sentido de que a formação pessoal, profissional e acadêmica, devem auxiliar no censo crítico reflexivo do leitor. Sendo que o tema está relacionado com a representação da infância e traz a problemática que envolve a criança e o ambiente social, no qual, ela está inserida.

Nessa abordagem, podemos observar várias problemáticas sociais que envolvem a criança na infância. Assim como na narrativa, a realidade não é diferente, pois, a criança mesmo em épocas diferentes podem enfrentar problemas semelhantes:

É nesse movimento que as crianças como **adultos em miniatura** voltam a ocupar o lugar de **gente grande**, primeiramente na atividade industrial (ainda que no ambiente rural continuem a desempenhar tarefas de adultos em auxílio as famílias) e, posteriormente, na informalidade do comércio. (SILVEIRA; QUADROS 2015, p. 181, grifo dos autores).

Portanto, observamos que a temática é pertinente, principalmente no que se refere a situações degradantes de sofrimento, de desamparo social, de pobreza e trabalho. Dessa forma, percebemos que a Literatura nos permite vivenciar e experimentar através de suas narrativas as mais diversas situações e experiências de maneira intensa, bem como, refletir sobre as problemáticas para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **1.5 METODOLOGIA**

Essa monografia é de cunho bibliográfico. O método empregado foi a pesquisa qualitativa e teve como base a leitura analíticas e reflexivas de artigos, teses, dissertações e livros, os quais nortearam essa temática.

No primeiro momento da pesquisa será realizada a leitura de textos teóricos, sob o viés da Literatura Infantil, para que haja um desenvolvimento mais abrangente da reflexão, textos esses que são voltados para as questões sociais.

No segundo momento, serão realizados os fichamentos dos textos teóricos para análise da obra *A Pequena Vendedora de Fósforos* de Hans Christian Andersen. No terceiro momento, faremos a análise crítica reflexiva sobre as temáticas sociais abordadas na obra. Para tanto, serão utilizados os fichamentos dos textos como referência, buscando-se compreender os problemas sociais abordados na narrativa e que se propagaram até os dias atuais.

Para desenvolver um trabalho como este, fez-se necessário uma reflexão minuciosa, inclusive da biografia do autor, pois, a busca pelas obras de referências é de suma importância para o resultado satisfatório da pesquisa e para uma visão mais ampla da realidade da criança, em particular, daquelas advindas de famílias de baixo poder aquisitivo.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Vale ressaltar que o foco desta monografia é a Literatura Infantil, bem como, a análise da obra *A pequena vendedora de fósforos* de Hans Christian Andersen. Em virtude disso, para que possamos começar a discutir sobre a temática, antes, é preciso fazer um apanhado sobre a Teoria Literária, e mais especificamente, a Literatura Infantil.

De acordo com Rosetenair Feijá Scharf, na dissertação de mestrado intitulada *A Escola e a Leitura*, a pesquisadora afirma que: “Desde sua origem, a literatura tem como função atuar sobre as mentes, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos e os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua experiência de vida” (2000, p.20). Para a autora, cada época compreendeu e apresentou a literatura à sua maneira. Ela representa, a cada momento da humanidade, uma etapa importante da sua evolução.

Portanto, faz-se necessário conhecermos a literatura de cada época que foi escrita, para assim, entendermos os valores e ideais de cada sociedade. E a partir desses conhecimentos, pode-se chegar à compreensão de como a criança era retratada nessas diferentes épocas. Regina Zilbermam ao citar Dieter Richter afirma que: “Na sociedade antiga, não havia a ‘infância’ e, nenhum espaço separado do ‘mundo adulto’. As crianças trabalhavam e viviam juntos com os adultos” (ZILBERMAN, 2014 apud. RICHTER, 1977, grifos da autora).

Dessa maneira, a imagem da criança era de um adulto em miniatura, pois, ela estava envolvida nas tarefas diárias, bem como, nos acontecimentos da vida adulta de maneira igualitária. De certa forma, a criança era tratada com desprezo, negligência e raramente existiam laços afetivos, todavia, não podemos generalizar, uma vez que, existia a classe dos burgueses e a classe dos proletariados.

A partir do século XVIII com queda do feudalismo e expansão da burguesia e dos profissionais liberais, a criança começa a ser inserida de fato no ambiente familiar, onde a mãe passa a ser a figura central. Em decorrência de tais acontecimentos, ocorrem transformações relevantes que contribuíram para um novo olhar sobre a criança. Vejamos no apontamento a seguir:

Com a Revolução Industrial surgem mudanças profundas na estrutura da sociedade, em todos os seus segmentos, e que de certa forma, vão se refletindo na preocupação com a infância. É neste período que a criança passa, então, a ser percebida como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias (SCHARF, 2010, p. 24).

Logo, entendemos que os espaços que anteriormente eram destinados aos adultos e às crianças, começam a ser diferenciados. A criança ocupa espaços destinados para ela. Bem como, surge a necessidade de se criar livros voltados para educação infantil.

Segundo Zilberman (2010, p. 15) “[...] os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com intuito educativo”. Conforme afirma a autora, os primeiros livros para criança foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não existia a compreensão que temos hoje sobre a infância.

Nesse sentido, vale ressaltar que foi em meio às mudanças durante o século XVII, que a literatura infantil emergiu na sociedade, com a necessidade de atender a um público novo, o qual estava habituado às narrativas orais. A afirmação confirma que:

A Literatura Infantil é um fenômeno de expressão que representa o mundo, o homem, a vida, além disso, enriquece a imaginação e a fantasia da criança e tem como sua principal fonte inspiradora, as lendas e tradições folclóricas de todos os povos transmitidas oralmente, de geração em geração (SCHARF 2000, p. 08).

Assim, as histórias antes contadas através das narrativas orais começam a ser escritas e adaptadas para o público infantil entre os séculos XVII e XIX, pois, as temáticas envolviam a morte, a doença, o horror entre outros temas. Sendo que tais assuntos não correspondiam, necessariamente, a cada faixa etária que se destinavam, além disso, algumas narrativas não eram escritas para crianças.

Igualmente, podemos destacar como precursores destas histórias contadas: Charles Perrault, os Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen. Vejamos algumas obras:

A primeira foi **Histórias para as Crianças e a Família**, em 1812-1815, conhecida como **Contos de Grimm**, resultado de uma pesquisa feita pelos alemães Jacob e Wilhelm Carl Grimm. Compreendia mais de 200 narrativas de fundo popular, obras que se imortalizaram em todo o mundo. **Branca de Neve e os Sete Anões, João e Maria e Os Músicos de Bremen**, entre outras, deram origem a adaptações no mundo inteiro. Outra obra que se revelou foi a do dinamarquês Hans Christian Andersen (1835), com uma coleção de contos de fadas que teve sucesso imediato. Em contos como **O Patinho Feio** e **O Soldadinho de Chumbo** havia humanização dos bichos e objetos com muita criatividade (SCHARF 2000, p. 25-26, grifos nossos).

Para a autora “Perrault, Irmãos Grimm e Andersen transformaram em textos contos de fadas oriundos de uma literatura basicamente oral e popular, que ainda hoje nos deliciam com



um mundo de fantasias, aventuras, medos, suspenses, mundo de histórias e de poesia” (2000, p. 26). Logo, entendemos que a literatura infantil tem sua origem na oralidade, mas de que maneira a infância é representada na literatura?

É a partir dessa reflexão que iremos discorrer sobre o assunto. Na literatura contemporânea a temática relacionada à infância tem sido relevante, se considerarmos a importância que a mesma alcançou no decorrer dos últimos anos.

Segundo Anderson Mata em seu artigo intitulado a “Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética” (2015, p.15) afirma-se que: “É comum que, ao lado de uma crítica social ou de uma descrição de costumes, haja um tensionamento simbólico ou alegórico que posiciona a infância como um significante relacionado a múltiplos significados.”

O autor afirma ainda que, essa perspectiva afeta os textos, de tal forma, que faz a personagem infantil carregar o fardo de representar ou a inocência ou a sabedoria, ou o novo, ou a promessa de futuro, ou a combinação de duas ou mais dessas variáveis. Nesse processo de significante e significado deverá haver uma compreensão dentro do contexto de representação da infância através da personagem, se não houver esse entendimento sua significação será prejudicada.

Entretanto, se pensarmos na representação da infância na literatura como verossimilhança, levamos em consideração a personagem infantil em lugares, gestos, bem como, a sociedade a qual ela está inserida. Além disso, a representação da infância nas obras literárias, quase sempre, está ligada a temática do sofrimento, da pobreza, do abandono, da miséria, da exclusão social.

Porém, em termos sociais, como podemos definir a infância?

De acordo com Penha Silvestre e Alice Martha afirma-se que: “Poderia ser mais bem definido como um período de falta de responsabilidade, bem como um desenvolvimento incompleto” (SILVESTRE; MARTHA, 2015 apud. HUNT, 2010, p. 93). As autoras ainda assinalam que, no passado houve considerações radicais sobre a infância. A criança era tida como o bom selvagem do Romantismo, porém, nos países marcados pela pobreza, a infância é percebida como um estágio isolado.

Nesse sentido, entendemos que a definição de infância está em constante mudança, que não há uma definição estável, e isso ocorreu, de acordo com o interesse cultural, político e ideológico das épocas. Porém, há pontos em comum, são eles: o brincar, a fantasia e a dependência de um adulto, pois, elas precisam de uma pessoa para auxiliá-las. Segundo podemos ler abaixo:

O brincar é um modo que a criança encontra de comunicar os desejos, os anseios e a percepção que tem do mundo e do espaço que a rodeia. O brincar favorece o contato com os sentimentos que precisam ser elaborados pela criança, porque provoca satisfação e é, portanto, uma estratégia própria dela, universal, a qual comunica algo e propicia o crescimento psíquico (SILVESTRE; MARTHA, 2015, p. 219).

Entretanto, na sociedade contemporânea, principalmente nas grandes metrópoles, é provável que, as crianças já não brincam tanto com fantasias e imaginações, tais como, aquelas descritas na maioria das obras literárias. Ao contrário, nas narrativas assim como na sociedade, nos deparamos com diversas situações degradantes e de total abandono, pois, encontramos crianças pedindo esmolas, vendendo balas, e se prostituindo. Essas crianças tentam buscar ilusoriamente aliviar as suas próprias dores e dificuldades.

Dadas algumas reflexões, passemos a leitura que será analisada nesta monografia. Conforme apresentada por Hans Christian Andersen, em sua obra, *A pequena vendedora de fósforos*, a personagem principal era submetida ao trabalho infantil em uma tentativa de suprir suas necessidades materiais. Enquanto isso, ela observava um mundo diferente à sua volta, onde pessoas, aparentemente, pertencentes a um grupo social privilegiado usufruíam de direitos até então por ela desconhecido.

Andersen traz à tona os impasses da vida, bem como, dos aspectos sociais e culturais observados até a contemporaneidade. Dessa forma, Andersen enfatiza a diferença social existente, tanto no mundo imaginário, quanto no mundo real. Existe de fato, como podemos compreender com a leitura da citação: “traz em seus contos as marcas de sua própria vivência social, [...]” (KHÉDE, 1986, p. 19). Essa afirmação nos remete a afirmar que, talvez, o próprio autor vivenciou tais experiências em sua infância. Conforme podemos ver na biografia dele:

A própria infância da mãe lhe causa dor, quando sabe que, obrigada pelos pais a pedir esmola, ela chorava e se escondia debaixo da ponte, sem ousar voltar para casa – Com a minha imaginação de criança conseguia ver tão bem esta cena que só de pensar nela as lágrimas corriam-me (RISCADO, 2005, p. 121).

Nesse sentido, assim como o escritor pode experimentar a literatura, nós quanto leitores podemos também experimentá-la através de personagens fictícias, suas dores, seus sentimentos, ou seja, a própria catarse. Conforme Silvestre e Martha ao citar Wolfgang Iser assinala que:

A literatura simula a vida, não para retratá-la mais para permitir ao leitor que dela participe. Ele pode sair do seu próprio mundo e entrar em outro onde pode viver extremos de prazer e dor sem ser envolvido em quaisquer consequências (SILVESTRE; MARTHA, 2015 apud. ISER, 1999).

Dessa maneira, ao ler uma obra literária, a mesma nos permite vivenciar e participar do mundo ficcional, e porque não dizer, do mundo imaginário de Andersen. Assim, nos leva a aprender, reconhecer e refletir sobre a infância, em um diferente tempo histórico, cujos reflexos são facilmente observados na sociedade atual.

Na literatura contemporânea, os livros, constituídos por uma organização na linguagem metafórica, destinados ao público infantil, oferecem diferentes situações do cotidiano, as quais são problematizadas e promovem uma reflexão sobre a vida, o tempo e a história possibilitando ao leitor as mais diversas situações interpretativas.

Nestas obras, identificam-se, muitas vezes, os personagens fictícios que compõem o universo literário, com imagens da vida cotidiana moderna, uma vez que, através da leitura sentimos as experiências dos personagens, que acabam provocando um olhar diferente sobre si e o mundo que o cerca.

A respeito da relação entre o trabalho infantil e a literatura para criança, Silveira e Quadros ao citar Martins afirmam que: “Consideramos que essa infância brasileira travestida de adulez tem sido pouco representada, pois permanece ‘invisível’ aos olhos de escritores que ainda fazem questão de perpetuar a ideia de uma infância inteiramente idealizada”, (SILVEIRA; QUADROS, 2015 apud. MARTINS, 2009, p. 43).

Ainda nas palavras das autoras, é em uma ilusão que focaliza a maioria das obras, mas, não em sua totalidade. Assim, insiste-se na quase invisibilidade da criança que trabalha problema social que, ainda persiste nas obras de literatura para crianças e adolescentes.

A autora, ainda, argumenta outro ponto de que mereceria a reflexão é o “sumiço da infância das páginas da literatura”, e somente alguns escritores de literatura infantil, voltaram seus olhares sobre a infância que perambula pelas ruas.

Em *A pequena vendedora de fósforos*, o autor mescla sofrimento com sonhos e fantasias da menina, ilustrada na narrativa como um aspecto de fuga da realidade. A criança trabalha nas ruas vendendo fósforos para ajudar no sustento da casa. E, em meio a uma agitação de pessoas que andavam pelas ruas, a personagem se depara com pessoas muito mais preocupadas com o momento festivo (véspera do ano novo); do que com o frio que fazia e a insistência da menina em tentar vender seus fósforos.

Observamos, no trecho da obra, que por trás de toda aquela insistência e permanecer ali, havia na criança, o medo de voltar pra casa sem ter vendido um fósforo sequer. É a partir dessa cena na rua, lugar nada seguro para o infante, que a referida obra coloca em evidência a representação da criança que sofre em razão de sua situação de pobreza e trabalho infantil, incluindo com isso elementos da sociedade contemporânea.

A pobreza, no entanto, não pode ser definida de forma única e universal. Entretanto, podemos afirmar que se refere a situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida condizente com as referências, socialmente estabelecidas, em cada contexto histórico.

Nesse sentido, há uma tendência de enorme desigualdade na distribuição de renda e um elevado índice de pobreza que pode ser percebido na temática da obra. Ou seja, um lugar desigual exposto ao desafio histórico de enfrentar uma herança de injustiça social, que exclui parte significativa de sua população, além da restrição ao acesso às condições mínimas de dignidade e cidadania.

No entanto, registramos que não temos a pretensão de investigar tais causas, e sim mencionar um dos principais problemas sociais que reflete de forma negativa na vida de um número excessivo de crianças na sociedade brasileira: O trabalho infantil.

Sabe-se que esse é um período de crescimento e aprendizagem em que a criança precisa dedicar-se aos estudos e aproveitar a infância. Se a criança usa seu tempo para trabalhar, pode ficar sem estudar ou ter seu rendimento comprometido. Assim, evidenciam-se na contemporaneidade, os mesmos problemas sociais apresentados por Andersen, no conto.

Inquestionavelmente, não podemos deixar de lado a biografia de Andersen, uma vez que sua obra será o ponto de partida para esta monografia. Hans Christian Andersen nasceu a 02 de Abril de 1805, em Odense, na ilha de Fiônia, Dinamarca, filho de um sapateiro e Anne-Marie Andersdatter, sua família era humilde.

Em 1816, seu pai morreu, e com apenas 11 anos, precisou abandonar a escola, mas já demonstrava aptidão para o teatro e a literatura, pois, escrevia peças para bonecos. A infância pobre deu a Andersen à chance de conhecer os contrastes de sua sociedade, o que influenciou bastante as histórias infantis e adultas que viria a escrever.

Em 1819, aos quatorze anos, decidiu mudar-se para Copenhague, e conheceu Jonas Collin membro do Teatro Real onde trabalhou como ator e bailarino, além de escrever algumas peças. Em 1828, aos 23 anos de idade foi admitido na Universidade de Copenhague.

Andersen escreveu algumas narrativas de viagem, mas, a obra que o consagrou como escritor foi, *O Improvisador* em 1835. Mas, foram os *Contos para crianças* que o

imortalizaram-no. Hans Christian Andersen escreveu muitos contos e histórias, num total de 156 títulos.

Entre os títulos mais divulgados da obra de Andersen encontram-se: *O Patinho feio*, *Os sapatinhos vermelhos*, *A rainha da neve*, *O rouxinol e o imperador da China*, *O soldadinho de chumbo*, *A pastora e o limpador de chaminés*, *Pequetita*, *Os cisnes selvagens*, *A roupa nova do imperador*, *O companheiro de viagem*, *O homem da neve*, *João e Maria* e *Nicolau grande e Nicolau pequeno*.

Em 1872, Andersen ficou com a saúde fragilizada e em 04 de agosto de 1875, faleceu em Copenhague, capital da Dinamarca. Os contos foram a nosso ver, para Andersen, não somente uma forma de exorcizar a origem humilde e as dificuldades da infância, mas também, uma forma de expressão artística que pode elevá-lo pela imortalidade do seu legado.

### 3. UM POUCO DE TEORIA

Esta monografia tem como referencial os apontamentos da Teoria Literária e os estudos relativos à Literatura infantil. Para tanto, são utilizados os seguintes autores: Vitor Manuel de Aguiar e Silva: *Teoria da Literatura* (2011), Terry Eagleton: *Teoria da Literatura: Uma introdução* (2006), Afrânio dos Santos Coutinho: *A literatura no Brasil* (2004) Regina Zilbermam: *A literatura infantil na escola* (2003), Damaris Leme de Souza *Literatura Infantil: origens e contribuições na Educação Infantil* (2016), Tamiris Aparecida Cadoni Giollo em dissertação intitulada: *Um Panorama Histórico da Produção Literária Voltada para Crianças* (2012), Julio Cortázar: *Valise de cronópio* (1993).

A princípio, iremos discorrer sobre os aspectos históricos da literatura, o que vem a ser definição/conceito de literatura na visão dos autores citados. Seguido dos aspectos históricos da literatura infantil.

Segundo a obra intitulada *Teoria da Literatura*:

O lexema *literatura* deriva historicamente, por via erudita, do lexema latino *litteratura*, o qual, segundo informa Quintiliano, foi decalcado sobre o substantivo grego [...]. Nas principais línguas europeias, os lexemas derivados, por via erudita, de *litteratura* entraram, sob formas muito semelhantes – cf. castelhanho: *literatura*; francês: *littérature*; italiano: *letteratura*; inglês: *literature* –, na segunda metade do século XV, sendo um pouco mais tardio o seu aparecimento na língua alemã (século XVI) e na língua russa (século XVII). Na língua portuguesa, encontramos documento o lexema *literatura* num texto datado de 21 de Março de 1510 (AGUIAR e SILVA, 2011, p. 1).

Na citação acima, observamos que o termo **literatura** possui um percurso histórico, passando por transformações no decorrer dos anos, nas mais variadas línguas. Para Aguiar e Silva, “o lexema *litteratura*, derivado do radical *littera* – letra, caráter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição” (2011, p. 2). Porém, o autor afirma que, para os cristãos, *litteratura* designa *corpus* de textos seculares e pagãos.

Pois, nas diversas línguas europeias, até XVIII, o conteúdo semântico do lexema *literatura* foi substancialmente idêntico ao seu étimo latino, designando *litteratura*, em regra, o saber e a ciência em geral. Na segunda metade do século XVIII, o lexema *literatura* apresenta uma profunda evolução semântica, em estreita conexão com as transformações da cultura europeia.

Além disso, o autor afirma que, subsistem no seu uso, por força da tradição linguística e cultural, os significados já mencionados, mas manifestam-se também, em correlação com

aquelas transformações, novos conteúdos semânticos, que divergem dos anteriormente vigentes e que divergem também entre si.

Sabemos que, com o passar dos anos, autores discorrem sobre a definição ou conceito de Literatura, conforme afirma Terry Eagleton em sua obra intitulada *Teoria da Literatura: Uma Introdução* na qual, ele afirma que muitas tem sido as tentativas de definir termo. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção – escrita essa que não é literalmente verídica.

Porém, tal discussão continuou no decorrer dos séculos XIX e XX, a qual chegou a determinado esboço sobre as compreensões, mais relevantes de Literatura. Vejamos na citação abaixo:

- a) Conjunto da produção literária de uma época – *literatura do século XVIII, literatura victoriana* – ou de uma região – pense-se na famosa distinção de M.me de Staël entre “literatura do norte” e “literatura do sul”, etc.
- b) Conjunto de obras que se particularizaram e ganham feição especial quer pela sua origem, quer pela sua temática ou pela sua intenção: *literatura feminina, literatura de terror, literatura revolucionária, literatura de evasão, etc.*
- c) Bibliografia existente acerca de um determinado assunto. Ex.: “Sobre o barroco existe uma *literatura* abundante”. Este sentido é próprio da língua alemã, donde transitou para outras línguas.
- d) Retórica, expressão artificial.
- e) Por elipse, emprega-se simplesmente *literatura* em vez de *historia da literatura*.
- f) Por metonímia, literatura significa também *manual de historia da literatura*.
- g) *Literatura* pode significar ainda conhecimento sistematizado, científico, do fenômeno literário. Trata-se de um significado caracteristicamente universitário do lexema e ocorre em sintagmas como *literatura comparada, literatura geral* (AGUIAR e SILVA, 2011, p. 7-9).

Nesse sentido, podemos entender que a literatura é um meio de comunicação que retrata, por meio de suas obras, uma determinada região, época e uma sociedade, bem como, suas respectivas características e suas temáticas. Contudo, o esboço do lexema literatura deixa logo prever as dificuldades inerentes ao estabelecimento de uma definição do respectivo conceito.

Para Afrânio Coutinho (1996, p. 12) “o problema do conceito da história literária é o da periodização”. Para o crítico não há problema metodológico, de maior importância, no campo da história do que o da periodização. Contudo, para Eagleton (2006) a definição de

literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido.

Para Aguiar e Silva (2011, p.14) “a literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscrito no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos”. Portanto, entendemos que não há uma definição/conceito exato sobre o que é literatura, e sim a subjetividade, de cada autor.

Constatamos, no entanto, que existem tantos estudos literários e vários autores que discorrem sobre do assunto. Por outro lado, concordamos no sentido da literatura ser um processo histórico, ao levarmos em consideração esse processo na literatura infantil.

Segundo Regina Zilberman em seu livro intitulado *A Literatura Infantil na Escola* (2003, p.34) “é preciso proceder a uma consideração de ordem histórica, uma vez que não apenas o gênero tem origem determinável cronologicamente, como também, seu aparecimento decorreu de exigências próprias da época”.

Para a autora, há um vínculo estreito entre o nascimento da literatura para crianças e o processo social que marcou, indelevelmente, a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental. Para a escritora, trata-se da emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o *status* da criança na sociedade e no âmbito doméstico.

Esse processo social que a autora faz referência é a constituição de um novo núcleo familiar e a concepção de infância. De acordo com Zilberman (2003, p. 15):

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Porém, antes não havia preocupação com as crianças, pois, não existia “infância”. Como podemos observar no apontamento de Damaris Leme de Souza, em sua dissertação de mestrado intitulada: *Literatura Infantil: origens e contribuições na Educação Infantil* ao citar Giatii, afirma que:

Nos tempos da sociedade feudal, a família era considerada a instituição social mais importante, porque dela dependia a perpetuação do patrimônio e propagação dos bons costumes e ordem social; os laços sentimentais possuíam pouca ou nenhuma importância na formação familiar. [...]. Não



havia a noção de privacidade, bem como, nenhuma atenção ou cuidado diferenciados para as crianças. Dessa forma, a criança estava inserida em todas as esferas do mundo adulto (SOUZA, 2016, p. 11-12 apud GIATII, 2005).

Assim, entendemos que a preocupação com a criança começa em meio a mudanças na Idade Moderna. Quando a mesma passa a ter características próprias. Conforme Souza afirma que: “A noção social de infância começa a se desenvolver em meados do século XVII gradativamente até o século XIX, e contou com a contribuição da Revolução Industrial, a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida” (SOUZA, 2016, p. 12 apud SILVA, 2004).

Ainda segundo a autora, cresce uma preocupação com a criança que circula em meio aos adultos, assim como, sua educação e disciplina. Nesse sentido, Zilberman afirma que, foram as modificações na Idade Moderna e solidificadas no século XVIII que propiciaram a ascensão de modalidades culturais, tais como: a escola com sua organização atual e o gênero literário dirigido ao jovem (2003, p. 16).

Assim, a história da literatura infantil está intrinsecamente ligada à concepção da infância. Conforme Peres, Marinheiro e Moura em seu artigo intitulado: “A Literatura Infantil na Formação da Identidade da Criança”, eles afirmam que:

A história da literatura infantil está atrelada à história da própria concepção de infância e os primeiros livros para crianças foram produzidos somente no final do séc. XVII e durante o séc. XVIII. Antes disso não se escrevia para crianças, pois não existia o que chamamos hoje de **infância**; as crianças e os adultos compartilhavam dos mesmos eventos sociais. Foi com o advento de uma nova classe social, a burguesia e a valorização de um modelo familiar burguês onde a criança ganha um enfoque de reprodução da classe, por isso um interesse maior na sua educação e na transmissão de valores burgueses (PERES, MARINHEIRO e MOURA, 2012, p. 2, grifos nossos).

Percebemos então que a literatura infantil nasce então neste momento com o intuito de transmitir os valores deste novo modelo familiar centrado na valorização da vida doméstica, fundada no casamento e na educação de herdeiros. É a partir da concepção da infância e o surgimento de um novo contexto familiar, assim como, sua valorização enquanto faixa etária diferenciada que, surge à preocupação de escrever para elas.

Todavia, “os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo” (ZILBERMAN, 2003, p. 16). Entretanto, os textos escritos para as crianças surgem a partir da metade do século XVII – fábulas e contos de fadas – assim como, a literatura infantil;

A literatura infantil surge de fato na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente à preocupação com a literatura para crianças e jovens. As Fábulas (1668) de La Fontaine; os contos da mãe gansa (1691/1697) de Charles Perrault, os Contos de Fadas (8 volumes-1696-1699) de Mme D’Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012, p.3-4 apud. COELHO, 1991).

Assim, o que conhecemos, atualmente, por contos de fadas, surgiu na França nos fins do século XVII sob iniciativa de Charles Perrault que editou narrativas folclóricas contadas pelos camponeses para que se adequassem à audiência da corte do rei Luís XIV(1638-1715). Perrault suprimiu as passagens obscenas e repugnantes, com conteúdo como incesto, sexo grupal e canibalismo, publicando as *Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: Contos de Mãe Gansa* em 1697.

Consideramos assim que antes “não havia preocupação com tabus e os contos eram narrados livremente de maneira explícita, assim, todo o contexto dos contos era um reflexo da realidade” (SOUZA, 2016, p. 14).

De acordo com Tamiris Aparecida Cadoni Giollo em dissertação intitulada: *Um Panorama Histórico da Produção Literária Voltada para Crianças* a pesquisadora afirma que, “Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon” (GIOLLO, 2012, p,12 apud LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

Além disso, seu livro trouxe uma preferência extraordinária pelo conto de fadas, que era até, aquele momento, transmitido oralmente pela população. Da mesma forma, temos que levar em consideração outros pioneiros da literatura infantil como os Irmãos Grimm e o dinamarquês Hans Christian Andersen.

De acordo com Souza, “na Alemanha do século XVIII, dois irmãos, Jacob e Wilhelm Grimm, expandiram a literatura infantil pela Europa e América a partir de sua iniciativa de uma pesquisa linguística acerca do idioma alemão” (SOUZA, 2016, apud. COELHO, 2012, p. 75).

Conforme a autora, entre antigas narrativas, lendas e sagas apanhadas, os irmãos encontraram grande acervo de histórias maravilhosas, que selecionadas constituíram a coletânea conhecida na Literatura Clássica Infantil. Atualmente, conhecidos por *Contos de Grimm*.

Para Souza “os Irmãos Grimm foram influenciados pelo idealismo cristão da época e polêmicas levantadas em torno de algumas passagens cruéis nos contos, o que os fizeram reformular os trechos na segunda edição publicada (SOUZA, 2016, apud COELHO, 2012).

Segundo a autora, as obras do dinamarquês Hans Christian Andersen, foram publicadas no século XIX, como uma complementação do acervo da Literatura Clássica Infantil. Andersen falava às crianças, seus contos mesclavam o resgate do folclore nórdico e autoria própria, e valiam-se da realidade cotidiana e a fé religiosa.

Por outro lado, os contos de Andersen diferenciam-se dos demais, por suas características, conforme Gracinéa I. Oliveira e Olívia de Fátima Medeiros em seu artigo intitulado: “A Personagem Feminina nos Contos de Hans Christian Andersen” (s/d) podemos ler que:

Duas características de seus contos diferenciam-nos de outros escritores, como os Irmãos Grimm, por exemplo, que, anteriormente a ele, também praticaram esse gênero: 1) suas fontes não são apenas folclóricas; ou seja: ele não apenas adaptou histórias da tradição oral, mas, seguindo o espírito romântico, também inventou muitas histórias; e 2) seus contos não são calcados apenas no terreno do maravilhoso; muitas de suas histórias tiveram inspiração e se passaram na “vida real”, no cotidiano (OLIVEIRA; MEDEIROS (S/D) apud. COELHO, 2010, p.159).

Nesse sentido, acreditamos que Andersen, traz em seus contos sua marca peculiar, pois, não somente adaptou, como também, criou histórias novas com animais e objetos, que, além de se comunicar tem sentimentos. Por exemplo, temos o *Patinho Feio* e o *Soldadinho de Chumbo*, bem como, personagens humanos que foram abandonados ou vivem situações solitárias e existenciais, exemplificamos, *A pequena vendedora de fósforos* e o *Patinho feio*.

Andersen ficou conhecido por seus variados textos, mas certamente, pelos contos. Para o contista é excepcional a escolha de um bom tema, pois, “um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade” (CORTÁZAR, 1993, p.154).

Além disso, o contista deve escolher acontecimentos significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor. Assim, um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta (CORTAZAR, 1993, p. 153).

A exemplo, o conto de Hans Christian Andersen, que é um dos mais belos contos, além de significativo desperta no leitor emoções e sentimento de tristeza, compaixão, pelo fato da personagem ser criança e morrer de frio e fome. É possível, em nossa opinião, que o autor da narrativa tenha se inspirado no cotidiano.

Ao provocar tais sentimentos e emoções no leitor, “obriga a continuar lendo, prendendo a atenção e isolando o leitor de tudo que o rodeia, [...] de maneira mais profunda e mais bela” (CORTAZAR, 1993, p.157). Dessa maneira, o conto torna-se perdurável e inesquecível. Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória.

Desta forma, é possível perceber a trajetória e a importância que a literatura infantil exerce na sociedade. Principalmente, o gênero conto que traz histórias significativas e transmitem mensagens importantes. Segundo Bruno Bettelheim em sua obra intitulada *A psicanálise do Conto de Fadas* (2015, p. 06) “[...] esta é a razão destas estórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança”.

Neste sentido, após apresentar um pouco de teoria literária, e o conto como marca da produção artística de Andersen, passemos para o próximo capítulo. Primeiro, discorreremos da bibliografia de Maria Luiza Xavier de Almeida Borges, a qual traduziu a obra para o português do Brasil em 2010, bem como, apresentação da obra *A pequena vendedora de fósforos* (1845) de Hans Christian Andersen, retirada do livro: *Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (2010). Seguida da análise da obra.

#### 4. UM OLHAR SOBRE O CONTO

Para esta análise, utilizaremos a tradução para o português do Brasil, feita por Maria Luiza Xavier de Almeida Borges, retirada do livro: *Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros* (2010), o qual é apresentado por Ana Maria Machado e contém vinte contos.

Maria Luiza Xavier de Almeida Borges nasceu em 1950 em Goiânia, onde residiu até os 11 anos, quando foi para o Rio de Janeiro. Após a graduação em Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica, fez mestrado em psicologia clínica e atuou nesta área até 1980.

Foi editora de texto do Dicionário Histórico-Biográfico do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, em 1984, e da revista *Ciência Hoje* da SBPC (de 1986 a 1991). A tradutora da obra de Andersen teve formação bilíngue francês-português no Sacre-Coeur de Jesus.

Além do francês, aprendeu inglês em cursos livres; e o espanhol, através da atividade acadêmica: lendo Freud em traduções espanholas e argentinas, muitas vezes, as únicas disponíveis.

Foi em 1973, que junto com sua mãe, Zilah Xavier de Almeida, traduziu pela primeira vez: o ensaio *A significação da filosofia*, de Ferdinand Alquié, publicado pela autora Eldorado. A partir deste trabalho, a maior parte das encomendas recebidas, envolviam revisão e preparação de texto, com traduções para várias editoras. Em 1950, ela começou a traduzir regularmente para a editora Zahar e em 1991 a tradução passou a ser a sua atividade exclusiva.

A sua produção de traduções literárias conta com vinte e um títulos: treze romances (entre eles, quatro de literatura infantil), dois livros de contos e seis contos avulsos traduzidos para duas antologias organizadas por Flávio Moreira da Costa.

A sua produção de traduções trouxe um reconhecimento maior, e a tradutora recebeu vários prêmios como: Prêmio Jabuti 2002, Prêmio Jabuti 2004, Prêmio União Latina/Tradução científica e técnica 2002, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Prêmio Monteiro Lobato – “A melhor tradução jovem”.

Citamos algumas obras traduzidas de Xavier: em 2007; *Nenhum peixe aonde ir*, de Marie Francine Hébert, em São Paulo, em 2004/2005; *Contos de fadas*, edição comentada, de Maria Tatar no Rio de Janeiro, Zahar. Em 2006; *Contos de um reino perdido*, Erik l’Homme. São Paulo. Em 2005; *Contos de fadas*, edição comentada, de Maria Tatar, em 2003; *Alice* edição comentada. Produziu 33 títulos, e se mantém até hoje, dentre as tradutoras mais solicitadas no Brasil.

Apresentada a biografia da autora, passaremos agora para a análise feita sob a perspectiva da personagem e os aspectos sociais que envolvem a obra, o qual será descrito.

Dadas às informações, para começar a leitura, apresentaremos o conto na íntegra:

Fazia um frio terrível. A neve caía e dali a pouco ficaria escuro. Era o último dia do ano: véspera de ano-novo. Nas ruas frias, escuras, você poderia ver uma pobre menininha sem nada para lhe cobrir a cabeça, e descalça. Bem, é verdade que estava usando chinelos quando saiu de casa. Mas de que adiantavam? Eram chinelos enormes, que pertenciam a sua mãe, o que lhe dá uma ideia de como eram grandes. A menina os perdera ao atravessar correndo uma estrada no instante em que duas carruagens avançavam ruidosamente e numa velocidade apavorante. Não conseguiu achar um pé dos chinelos em lugar nenhum, e um menino fugiu com o outro, dizendo que um dia, quando tivesse filhos, poderia usá-lo como berço.

A menina caminhava com seus pezinhos descalços, que estavam rachados e ficando azuis de frio. Levava um molho de fósforos na mão e mais no avental. Não vendera nada o dia inteiro e ninguém lhe dera um níquel se quer. Pobre criaturinha, parecia a imagem da miséria ao se arrastar, faminta e tiritando de frio. Flocos de neve se aninhavam ao seu cabelo claro, comprido, que ondulava suavemente em volta do pescoço. Mas pode ter certeza que ela não estava pensando em sua aparência. Em cada janela, luzes reluziam e um delicioso cheiro de ganso assado se espalhava pelas ruas. Veja bem, era véspera de ano-novo. Era nisso que ela pensava.

Num canto entre duas casas, uma das quais se projetava sobre a rua, ela se agachou e se encolheu no frio, as pernas dobradas sob si. Mas isso só a fez mais e mais frio. Não tinha coragem de voltar para casa, pois não vendera fósforo nenhum e não tinha um níquel para levar. Seu pai com certeza iria surrá-la, e depois era quase tão frio em casa quanto aqui. Só tinham o telhado para protegê-los, e o vento sibilava através dele, embora as fendas maiores tivessem sido vedadas com palha e trapos. O frio era tanto que as mãos da menina estavam quase dormentes. Ah! Talvez acender um fósforo ajudasse um pouco. Se pelo menos se atrevesse a tirar um do pacote e riscá-lo na parede, só para aquecer os dedos. Puxou um – rrec! –, como ele espirrava enquanto queimava! Surgiu uma luz clara e tépida, como uma vela, quando pôs a mão sobre ele. Sim, que luz estranha era aquela! A menina imaginou que estava sentada junto de uma grande estufa de ferro, com lustrosos puxadores de cobre e pés de latão. Que o calor o fogo desprendia! No instante em que ia esticando os dedos dos pés para aquecê-los também – a chama apagou e a estufa desapareceu. Lá ficou ela, com o toco de um fósforo queimado na mão.

Riscou outro fósforo contra a parede. Ele explodiu em chamas, e a parede que iluminava ficou transparente como um véu. Ela pôde ver direitinho dentro da sala, onde, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca como a neve, estava posta uma porcelana delicada. Bem ali, podia-se ver um ganso assado fumegante, recheado com maçãs e ameixas. E, o que foi mais espantoso, o ganso saltou do prato e saiu gingando pelo piso, com uma faca de trinchar e um garfo ainda espetado nas costas. Rumou diretamente para a pequena menininha. Mas naquele instante o fósforo apagou e só sobrou a parede úmida e fria diante dela.

Acendeu outro fósforo. Agora estava sentada sobre uma árvore de Natal. Era ainda maior e mais bonita do que uma que vira no Natal passado através da porta de vidro da casa de um comerciante rico. Milhares de velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que já vira em vitrines,

contemplavam aquilo tudo. A menina esticou ambas as mãos no ar... e o fósforo se apagou . As velas de Natal foram subindo, subindo, até que ela viu que eram estrelas cintilantes. Uma delas se transformou numa estrela cadente, deixando atrás de si uma risca de fogo coruscante.

“Alguém está morrendo”, pensou a menina, pois sua avó, a única pessoa que fora boa para ela e que agora estava morta, lhe contara que, quando a gente vê uma estrela cadente, é um sinal de que uma alma está subindo pra Deus.

Riscou mais um fósforo contra a parede. Fez-se um clarão à sua volta, e bem ali, no centro dele, estava sua velha avó, parecendo radiante, e suave e amorosa. “Oh, vovó!” a menina exclamou. “Leve-me com você! Sei que você vai desaparecer quando o fósforo apagar – como aconteceu com a estufa quentinha, com o delicioso ganso assado e com a alta e bela árvore de Natal.” Mais que depressa ela acendeu todo o molho de fósforos, tal era o desejo de conversar sua avó exatamente ali onde estava. Os fósforos chamejaram com tanto vigor que de repente ficou mais claro que a luz do dia. Nunca sua avó parecera tão alta e bonita. Ela tomou a menina nos braços e juntas as duas voaram em esplendor e alegria, cada vez mais alto, acima da terra, para onde não há frio, nem fome, nem dor. Estavam com Deus.

Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano velho. O ano-novo despontou sobre o corpo congelado da menina, que ainda segurava fósforos na mão, um molho já usado. “Ela estava tentando se aquecer”, disseram as pessoas. Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com sua velha avó para a felicidade do ano-novo (BORGES, 2010, p. 204-208).

Conforme pode ser lido no conto acima, percebemos que o enredo, apresenta-se de forma linear, pois os fatos e ações ocorrem de maneira previsível e natural. O conto apresenta uma personagem que enfrenta situações duras de sofrimento, tais como: a fome, a indiferença, o abandono, a pobreza, a rejeição, o trabalho infantil, a exclusão social, a miséria, e a violência.

Além destes enfrentamentos, a personagem que se pode ver no texto, trata-se de uma menina que trabalha, vive excluída na sociedade, buscando razões para sua existência, a qual passa por privações, constrangimentos, humilhações e por não ter oportunidade, o pai a obriga a vender fósforos para auxiliar na sobrevivência da família.

A nosso ver, o conto aborda, em linhas gerais, uma narrativa triste. Desta forma, é importante refletir sobre a citação:

É compreensível, portanto, que, quando se pede às crianças para nomear alguns de seus contos de fadas prediletos, dificilmente há um conto moderno entre suas escolhas. Muitas dessas novas histórias têm finais tristes, que não conseguem prover o escape e o consolo que os eventos amedrontadores no conto de fadas tornam necessários, de modo a fortalecer a criança para enfrentar caprichos de sua vida. Sem tais conclusões encorajadoras, a criança, após ouvir a história, acharia que de o fato não há nenhuma esperança de se livrar dos desesperos de sua vida (BETTELHEIM, 2015, p. 205).

Bettelheim aborda no trecho citado que os contos, frequentemente, aqueles que se dedicam à infância, apresentam finais tristes. Percebemos como aspecto interessante no conto em questão, é que ele não apresenta, apenas, o final triste. A leitura vai além, pois, expõe à personagem as mais duras provações e diversas situações como sofrimento, fome e o abandono.

Dessa maneira, notamos que, desde o primeiro parágrafo até o último do conto, a narrativa trata da tristeza/melancolia. Como podemos comprovar citando o trecho: “Nas ruas frias, escuras, você poderia ver uma pobre menininha sem nada para lhe cobrir a cabeça, e descalça”. Nesta citação podemos observar a condição da menina que não é somente física, mas representa a condição social, a qual, ela se encontra, bem como, o descaso da sociedade.

Assim como também o efeito sinestésico indicado pelo o frio faz referência ao abandono e a solidão, pois, esse frio pode também simbolizar a falta do calor humano e do aconchego da família, uma vez que, a personagem caminhava sozinha pelas ruas. Além disso, o autor convida o leitor a fazer parte do universo ficcional ao referir-se “você poderia ver uma pobre menininha [...]”.

Em outra citação podemos ler: “Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano velho.” Entende-se que, a menina morreu na virada do ano novo e entre as duas casa se encontrava o corpo esquecido, o lugar era fúnebre. Porém, o sorriso no rosto da personagem nos faz refletir o alívio e a sensação de paz, a qual, ela sentiu na hora em que morreu. Entendemos, neste ponto da narrativa que a criança que passou por tanto sofrimento, morreu aliviada, descansada da vida, com um sorriso sublime.

Os contos dessa natureza, em nossa concepção, atraem a atenção das crianças devido a sensibilidade que tratam temas difíceis, no âmbito da literatura infantil. E, principalmente, como afirma o psicólogo, “não haver nenhuma esperança de se livrar dos desesperos da vida” (BETTELHEIM, 2015, p. 205).

No primeiro parágrafo, notamos as marcas estruturais da narrativa evidenciada pelo tempo. É possível identificar a estação do ano, o inverno, que é descrito como um inverno rigoroso, como podemos ler no trecho: “Fazia um frio terrível. A neve caía e dali a pouco ficaria escuro”. Além disso, marca o tempo cronológico, exatamente, o último dia do ano, véspera do ano-novo.

Têm-se, então, as primeiras descrições sobre o espaço do conto, assim como, do estado que se encontra menina. Por outro lado, se observarmos que o autor utilizou os verbos



fazia e caia, veremos que, coloca o leitor num tempo de imaginação, no momento da leitura os fatos estão acontecendo.

Sobre o espaço, o conto aponta, inicialmente, para uma rua escura, fria e com neve, o lugar onde se passa a ação da narrativa. Quanto à menina, ela é apresentada em condições de miséria relacionada com o abandono e a fome, na tradução encontramos: “você poderia ver uma pobre menininha sem nada para lhe cobrir a cabeça, e descalça”.

Nesse sentido, observamos com clareza que a personagem vive em total abandono, falta de amparo, assim como, é negligenciada pela sociedade e pela família. Uma vez que, o papel da família é proteger, cuidar, educar e ensinar a viver em sociedade.

Dessa maneira, entendemos que o autor se vale da narrativa e de sua personagem para assim, mostrar em seus registros as marcas de uma sociedade excludente. Por isso, na narrativa, a personagem não tem nome próprio o que mostra uma crítica do autor em relação a forma como as crianças eram tratadas na época.

Se auto reconhecer não pelo próprio nome, mas pela atuação como indivíduo na sociedade, assim como, a narrativa discorre. E com relação à personagem não ter nome próprio, há uma explicação:

A protagonista/narradora não tem nome, o que é muito significativo para a narrativa, posto que essa ausência reforça o uso da memória como processo de busca identitária. É justamente pelas memórias que a narrativa toma forma, e isso exerce uma função de autoconhecimento. Então, o anonimato, aliado ao uso da memória, funciona como um processo de criação de identidade. Somente pelo conhecimento adquirido na narrativa durante a evocação das memórias é que a protagonista se reconhece e auto afirma-se, e não pelo registro escrito (nome próprio) (AMARAL, 2016, p.150).

Em análise, o segundo parágrafo, vemos a exploração da mão de obra infantil. Como notamos na informação retirada do conto a seguir: “A menina caminhava com seus pezinhos descalços, que estavam rachados e ficando azuis de frio. Levava um molho de fósforos na mão e mais no avental. Não vendera nada o dia inteiro e ninguém lhe dera um níquel se quer”.

Nesse trecho da obra é possível observar que está presente o processo sinestésico. Em relação à família que deveria acolhê-la e protegê-la, acaba por expor a menina precocemente no mercado de trabalho de modo desumano. Além disso, percebemos que na sociedade atual, esse fator é recorrente. Daí o efeito verossimilhante.

Assim, relacionamos o trabalho infantil à pobreza, que embora, a personagem esteja inserida em um contexto familiar, ela apresenta traços da rejeição, diante de uma experiência negativa. Com isso, vimos abaixo:

Nossas personagens são crianças pobres porque se encontram em situação de carência dos meios necessários para sobreviver de forma mais digna; algumas são muito debilitadas, tanto do ponto de vista físico, quanto psíquico, outras são humilhadas, marginalizadas e dependentes da caridade pública; nesse sentido, miseráveis (MARTINS, 2013, p 121).

Entendemos, desta maneira que, a pobreza liga-se ao trabalho infantil, a miséria e o abandono. Torna-se evidente no trecho do conto: “Pobre criaturinha, parecia a imagem da miséria ao se arrastar, faminta e tiritando de frio”. E isso, pode ser classificado como um aspecto social negativo. Veremos a definição de pobreza no dicionário Houaiss:

**Pobreza** \ê\ s.f. (s XIII) **1** estado de pobre; **2** falta daquilo que é necessário à subsistência; penúria; **3** a classe ou um conjunto dos pobres – ETIM *pobre* + *eza* – SIN/VAR arrebentação, carência, carestia, dureza, falta, indigência, inópia, lazeira, mendicidade, mendiguez, míngua, miserê, miséria, necessidade, paupérie, pauperismo, pelintrice, penúria, pinda, pindaíba, pindaiva, privação, prontidão, quebradeira, quebreira; ver tb. Sinonímia de *revés* e *tribulação* (Dicionário Houaiss, 2009, p. 1512 ).

Percebemos que a definição de pobreza é carregada de vários significados. Assim como, na literatura na vida real não é diferente, pois, na literatura a pobreza, representa, sim, uma realidade social e chega a afirmar, na apresentação da obra, que “basta não confundir poesia e obra de ciência, e não ser pedante, para dar-se conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza” (SPALDING, 2006, apud. SCHWARZ, 1983, p. 7).

Assim, a pobreza não é somente uma questão econômica, mas acima de tudo uma problemática de ordem social e política. Uma vez que, a pobreza na sociedade, de fato, leva as crianças ao trabalho prematuro, muitas vezes, como alternativa, para o sustento de sua própria família que vive uma vida de miséria.

Conforme podemos ler: “Quanto à miserabilidade, estariam incluídos nesta categoria todos os que forem privados da satisfação de algumas das necessidades vitais, de maneira que a saúde e a força física tornar-se-iam precárias a ponto de fazer perigar a própria vida” (MARTINS, 2013, p. 121).

Ainda nesta questão, podemos relacionar a pobreza ao analfabetismo e conseqüentemente, ao trabalho infantil. Pois, segundo Azevedo (2000, p.2):

A maioria das crianças é filha de pais analfabetos ou semianalfabetos, ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem

mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar o isolamento mínimo que a leitura requer.

Do mesmo modo, ocorre no ambiente da personagem, a casa não tinha parede, era apenas o telhado que a cobria e ainda assim, era vedada com palhas e trapos. Dessa maneira, a casa não oferecia conforto algum, esse foi um dos motivos da menina não ter retornado, pois não havia diferença entre ficar em casa ou na rua.

Nesse sentido, entendemos que as oportunidades que a criança tem em ler textos literários, deixam de existir, pois, quando o ambiente familiar não corresponde e não pode ajudar, pela falta de influências dos pais analfabetos. Por consequência, o trabalho infantil torna-se, na maioria das vezes, um caminho a ser seguido por essas crianças e famílias.

Dessa maneira, podemos considerar que muitos são os fatores que influenciam, por exemplo, o analfabetismo que vem a ser uma das possíveis causas da desigualdade social e da pobreza. No conto é possível perceber um desses fatores a partir desse trecho: “Mas pode ter certeza que ela não estava pensando em sua aparência. Em cada janela, luzes reluziam e um delicioso cheiro de ganso assado se espalhava pelas ruas. Veja bem, era véspera de ano-novo. Era nisso que ela pensava”.

Enquanto a personagem vagava pela rua sem ter nada para se alimentar, supomos que as famílias preparavam o jantar. Pois, a menina ficava sentindo apenas o cheiro delicioso das comidas que vinham das casas. Não podemos esquecer que era véspera de ano novo e era esse o pensamento dela. Mas o que significa o dia 31 de dezembro?

Essa data, a nosso ver, significa que esse é o momento de avaliação, harmonia, esperança e reflexão sobre erros, acertos e as boas coisas que aconteceram. E, também das que não foram tão boas assim, bem como, daquilo que virá e o que o nos aguarda no futuro. Destacamos principalmente as expectativas que criamos, no ano vindouro, que seja melhor e que todos os nossos sonhos se realizem. Vejamos na narrativa: “Era nisso que ela pensava”.

No parágrafo seguinte, o conto apresenta o que se entende como violência infantil. Violência está, cometida pelo próprio pai, causando na personagem o medo, inclusive, de voltar pra casa. Pois ela estava na rua, com frio, descalça e vendendo fósforos, os quais, não tinha conseguido vender nenhum.

Na narrativa, a personagem não poderia voltar pra casa, caso contrário, “seu pai com certeza iria surrá-la”. Segundo Bettelheim, (2015, p. 201) “a angústia da criança no que diz respeito ao fracasso se concentra na ideia de que, se falhar, será rejeitada, abandonada e totalmente destruída”.

Entendemos que as marcas dessa violência estão sinalizadas na narrativa em questão. Contudo, a violência pode ser descrita como, um ato de fúria, onde se emprega ação de força física ou intimidação moral, discriminatória de poder sobre alguém. Dessa maneira, entendemos que, a violência não está relacionada apenas a questão física, mas também, a social e financeira.

Podemos afirmar que, o autor se vale da ficção para representar a realidade e fatos presentes na sociedade com efeito verossímil. Assim, observamos no conto que, a personagem para fugir da violência do pai, resolveu ficar na rua uma vez que, não havia diferença entre estar na rua ou na casa.

E, para fugir dessa realidade cruel, a menina resolve se aquecer riscando os fósforos. O frio era tão intenso que ao riscar o fósforo, a menina começa a imaginar está diante de uma estufa da qual o calor desprendia.

A fome da menina ilustra a imaginação de um ganso assado, recheado com maçã e ameixas correndo em sua direção. A terceira vez que ela acende o fósforo imagina está sentada sobre uma árvore de natal muito bonita, igual a que vira na casa de um comerciante rico. A imagem das velas ardiam e as figuras eram coloridas, e mais uma vez, o símbolo do fogo como representação da vida, se apagou.

Percebemos, graças ao narrador, que a imaginação da menina refletia a situação social em que ela se encontrava, por isso, continuava a riscá-los. Porém, é possível percebermos que a chama do fósforo representa o calor, o aconchego e a esperança.

Pois, ela usava a imaginação como escapismo para fugir da realidade ou talvez, seja porque ela queria estar em uma casa com ambiente familiar propício para a ocasião. O tempo marcado pela véspera de ano novo, representa o momento que as famílias, geralmente, se reúnem para confraternizar e celebrar a chegada do ano.

O desejo da pequena vendedora de fósforo de estar fora daquela realidade era tão grande que ela já se imaginava no paraíso, ao lado de sua avó que lhe amava tanto e por quem tinha um carinho especial, pois, era a única que se importava com ela. É provável que nem se dera conta que estava morrendo.

Dessa maneira, podemos afirmar que, a pequena vendedora de fósforos simplesmente almejava uma vida mais digna e justa, porém isso, não foi possível em meio a sociedade tão excludente.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Esta monografia buscou analisar alguns aspectos sociais presentes na obra *A pequena vendedora de fósforos* de Hans Christian Andersen de 1845. A partir da reflexão de alguns aspectos sociais considerados efeitos verossimilhantes que envolvem a criança e as diversas situações as quais estão expostas na sociedade.

Foi possível constatar, a partir da leitura dos textos que embasaram esta pesquisa, inclusive, na biografia do próprio escritor que sua obra pertence a uma linha temática que trata de questões existências do ser humano. É o caso da obra em estudo, na qual, a personagem se vê entre o limite da vida e da morte, uma menina excluída, discriminada que enfrenta sozinho situações difíceis para garantir sua própria sobrevivência. Os problemas sociais apresentados na narrativa permanecem, ainda hoje, na sociedade contemporânea e são visíveis.

Por se tratar de uma temática social, este conto justifica tais abordagens feitas por Hans Christian Andersen. Ao aprofundarmos nossos estudos, constatamos a hipótese levantada no início dessa pesquisa, uma vez que, identificamos em diferentes momentos da narrativa que o autor faz abordagens que mesclam fatos sobre sua infância sofrida. Essa questão nos remete a perceber que os problemas sociais como o abandono, a miséria, a pobreza, o trabalho infantil, a exclusão social já eram visíveis naquela época há mais de cem anos.

Portanto, o presente estudo nos levou a perceber que Hans Christian Andersen teve sim a pretensão de relacionar os problemas apresentados em sua obra à realidade daquela época, ou seja, ele já possuía um olhar crítico. Diante daquela sociedade quis deixar sua obra como referência para eventuais análises que poderiam surgir ao longo da história.

Entretanto, não se pode precisar se a intensidade dos problemas como os descritos em sua obra é a mesma vivida pela sociedade atual. Acreditamos que, fatores diversos tendem a contribuir para que tais problemas venham se perpetuando ao longo da história.

Porém, este não é foco central dessa monografia e por esse motivo não foram aprofundados ao longo do estudo. Esperamos, entretanto, que esse trabalho possa contribuir de forma significativa como fonte de informação e reflexão para novas pesquisas sobre os assuntos em questão, especialmente para os amantes da literatura infantil como fonte de inspiração.

## 6. REFERÊNCIAS

AMARAL, J. P. W. **Fogos de memórias em “A vendedora de fósforos”**, de Adriana Lunardi. Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 3, p. 144-157, dez. 2016. Disponível em: [seer.ufms.br/index.php/revpres/article/download/1841/2559](http://seer.ufms.br/index.php/revpres/article/download/1841/2559). Acesso em: 20 maio de 2019.

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje**. Disponível em: [fhttp://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-da-literatura-infantil-no-Brasil.pdf](http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-da-literatura-infantil-no-Brasil.pdf). Acesso em: 07 jun. 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

BORGES, M. L. X de A. **Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CARDELLINO, Pablo. COSTA, Walter Carlos. **Maria Luiza X. de A. Borges**. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/MariaLuizaXdeABorges.htm>. Acesso em: 07 jun. 2019.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil: Era modernista**. São Paulo: Global, 2004.

CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. Edição 6ª. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIOLLO, Tamiris Aparecida Cadoni (2012). **Literatura Infantil E Infância: Um Panorama Histórico Da Produção Literária Voltada Para Crianças**. Disponível em: [https://www.cneccapivari.br/libdig/index.php?option=com\\_rubberdoc&view=doc](https://www.cneccapivari.br/libdig/index.php?option=com_rubberdoc&view=doc) Acesso em 20 mar. 2019.

HOUAISS, A. SALLES V, M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

KUHLMANN JR, Moysés (2000). **Histórias da educação infantil brasileira**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02.pdf>. Acesso em 12 jan. 2019.

MARTINS, Georgina (2013). **Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea**. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3231/323127374008/>. Acesso em 20 jan. 2019.

MATA, Anderson (2015). **Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética**. Disponível em: <http://correspo.ccdmd.qc.ca/Corr161/Strategies.html>. Acesso em: 19 jan. 2018.

OLIVEIRA, Gracineia I. MEDEIROS, Olívia de Fátima (s/d). **A Personagem Feminina nos Contos de Hans Christian Andersen: The Feminine Charater In Tales of The Hans Christian Andersen**. Disponível em: [www.travessiasinterativas.com.br/\\_notes/vol7/Gracineia%20OLIVEIRA.pdf](http://www.travessiasinterativas.com.br/_notes/vol7/Gracineia%20OLIVEIRA.pdf). Acesso em: 25 mar. 2019.

PARREIRAS, Ninfa (2010). **“A pequena vendedora de fósforos” e seus sonhos em nuvem**. Disponível em: <http://spid.com.br/pdfs/2010-2/Publicacoes-Artigos-A-PEQUENA-VENDEDORA-Ninfa-Freitas.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

PERES, Fabiana Costa. MARINHEIRO, Edwylson de Lima e MOURA, Simone Moreira de (2012). **A Literatura Infantil na Formação da Identidade da Criança**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/SIMONE%20MOURA-FABIANA-EDWYLSON%20-%20pedagogia.pdf> Acesso em 15 fev. 2019.

RISCADO, Leonor (2005). **Hans Christian Andersen: da Dinamarca para o Mundo**. Disponível em: [http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_andersen\\_mundo\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_andersen_mundo_a.pdf) Acesso em: 07 jan. 2019.

SILVESTRE, Penha Lucilda de Souza ; MARTHA, Alice Àurea Penteado (2015). **Tratado e Exercício de ser criança: a infância entre versos, rimas e tintas**. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10080> Acesso em 10 dez. 2018.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 2011.

SILVEIRA, R. M. H QUADROS, A.C. de (2015). **Crianças que sofrem: representações da infância em livros distribuídos pelo PNBE**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n46/2316-4018-elbc-46-00175>. Acesso em 27 jan. 2019.

SCHARF, Rosetenair Feijó. (2000) **A Escola e a Leitura: Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: [gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a\\_escola\\_e\\_a\\_leitura.pdf](http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_escola_e_a_leitura.pdf). Acesso em: 29 fev. 2019.

SOUZA, Damaris Leme de (2016). **Literatura Infantil: origens e contribuições na Educação Infantil**. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144023/000\\_869945.pdf](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144023/000_869945.pdf)? Acesso em 20 fev. de 2019.

SPALDING, Marcelo (2006). **Roberto Schwarz e o pobre na literatura brasileira**. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/76> Acesso em 03 jun. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Editora Global, 2014.



# ANEXOS

# Contos de Fadas

de PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN & outros

Apresentação de  
ANA MARIA MACHADO



CLÁSSICOS  ZAHAR



## *A pequena vendedora de fósforos*

*F*AZIA UM FRIO TERRÍVEL. A neve caía e dali a pouco ficaria escuro. Era o último dia do ano: véspera de ano-novo. Nas ruas frias, escuras, você poderia ver uma pobre menininha sem nada para lhe cobrir a cabeça, e descalça. Bem, é verdade que estava usando chinelos quando saiu de casa. Mas de que adiantavam? Eram chinelos enormes, que pertenciam à sua mãe, o que lhe dá uma ideia de como eram grandes. A menina os perdera ao atravessar correndo uma estrada no instante em que duas carruagens avançavam ruidosamente e numa velocidade apavorante. Não conseguiu achar um pé dos chinelos em lugar nenhum, e um menino fugiu com o outro, dizendo que um dia, quando tivesse filhos, poderia usá-lo como berço.

A menina caminhava com seus pezinhos descalços, que estavam rachados e ficando azuis de frio. Levava um molho de fósforos na mão e mais no avental. Não vendera nada o dia inteiro e ninguém lhe dera um níquel sequer. Pobre criaturinha, parecia a imagem da miséria a se arrastar, faminta e

### *A pequena vendedora de fósforos*

tiritando de frio. Flocos de neve se aninhavam em seu cabelo claro, comprido, que ondulava suavemente em volta do pescoço. Mas você pode ter certeza de que ela não estava pensando em sua aparência. Em cada janela, luzes reluziam e um delicioso cheiro de ganso assado se espalhava pelas ruas. Veja bem, era véspera de ano-novo. Era nisso que ela pensava.

Num canto entre duas casas, uma das quais se projetava sobre a rua, ela se agachou e se encolheu no frio, as pernas dobradas sob si. Mas isso só a fez sentir mais e mais frio. Não tinha coragem de voltar para casa, pois não vendera fósforo nenhum e não tinha um níquel para levar. Seu pai com certeza iria surrá-la, e depois era quase tão frio em casa quanto aqui. Só tinham o telhado para protegê-los, e o vento sibilava através dele, embora as fendas maiores tivessem sido vedadas com palha e trapos. O frio era tanto que as mãos da menina estavam quase dormentes. Ah! Talvez acender um fósforo ajudasse um pouco. Se pelo menos se atrevesse a tirar um do pacote e riscá-lo na parede, só para aquecer os dedos. Puxou um – rrrrec! –, como ele espirrava enquanto queimava! Surgiu uma luz clara e tépida, como uma vela, quando pôs a mão sobre ele. Sim, que luz estranha era aquela! A menina imaginou que estava sentada junto de uma grande estufa de ferro, com lustrosos puxadores de cobre e pés de latão. Que calor o fogo desprendia! No instante em que ia esticando os dedos dos pés

Hans Christian Andersen



Arthur Rackham, 1932

para aquecê-los também – a chama apagou e a estufa desapareceu. Lá ficou ela, com o toco de um fósforo queimado na mão.

Riscou outro fósforo contra a parede. Ele explodiu em chamas, e a parede que iluminava ficou transparente como um véu. Ela pôde ver direitinho dentro da sala, onde, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca como a neve, estava posta uma porcelana delicada. Bem ali, po-

dia-se ver um ganso assado fumegante, recheado com maçãs e ameixas. E, o que foi ainda mais espantoso, o ganso saltou do prato e saiu gingando pelo piso, com uma faca de trinchar e um garfo ainda espetados nas costas. Rumou diretamente para a pobre menininha. Mas naquele instante o fósforo apagou e só sobrou a parede úmida e fria diante dela.

Acendeu um outro fósforo. Agora estava sentada sob uma árvore de Natal. Era ainda maior e mais bonita do que uma que vira no Natal passado através da porta de vidro da

*A pequena vendedora de fósforos*

casa de um comerciante rico. Milhares de velas ardiavam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que já vira em vitrines, contemplavam aquilo tudo. A menina esticou ambas as mãos no ar... e o fósforo se apagou. As velas de Natal foram subindo, subindo, até que ela viu que eram estrelas cintilantes. Uma delas se transformou numa estrela cadente, deixando atrás de si uma risca de fogo coruscante.

“Alguém está morrendo”, pensou a menina, pois sua avó, a única pessoa que fora boa para ela e que agora estava morta, lhe contara que, quando a gente vê uma estrela cadente, é um sinal de que uma alma está subindo para Deus.

Riscou mais um fósforo contra a parede. Fez-se um clarão à sua volta, e bem ali, no centro dele, estava sua velha avó, parecendo radiante, e suave e amorosa. “Oh, vovó!” a menina exclamou. “Leve-me com você! Sei que vai desaparecer quando o fósforo apagar – como aconteceu com a estufa quentinha, com o delicioso ganso assado e com a alta e bela árvore de Natal.” Mais que depressa ela acendeu todo o molho de fósforos, tal era o desejo de conservar sua avó exatamente ali onde estava. Os fósforos chamejaram com tanto vigor que de repente ficou mais claro que a clara luz do dia. Nunca sua avó parecera tão alta e bonita. Ela tomou a menina nos braços e juntas as duas voaram em esplendor e alegria, cada vez mais alto, acima da terra, para onde não há frio, nem fome, nem dor. Estavam com Deus.



*Hans Christian Andersen*

Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano velho. O ano-novo despontou sobre o corpo congelado da menina, que ainda segurava fósforos na mão, um molho já usado. “Ela estava tentando se aquecer”, disseram as pessoas. Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com sua velha avó para a felicidade do ano-novo.



[